



Miguilim

revista eletrônica do netlli
Vol. 2, Núm.3, set.-dez. 2013

HISTÓRIA E LITERATURA: A SEÇÃO “LYRA POPULAR” NO JORNAL O “REBATE” DE “JOASEIRO” (1909-1910)



HISTORY AND LITERATURE: THE SECTION “LYRA POPULAR” IN THE NEWSPAPER “O REBATE” FROM “JOASEIRO” (1909-1910)

Assis Daniel Gomes
FJN, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 29/11/2013 • APROVADO EM 04/03/2014

Abstract

In this research we analyzed poesies divulging in journal *O Rebate* (1909-1910), especially in section *Popular Lyre*. In the year of 1909 if fostered in *Joaseiro do Cariry* a newspaper in order to defend the locality's habitant versus the negative images divulging by cratenses journals. This vehicle it was *O Rebate*. The name himself it annunciated hers purposes of to rebut the ideas as they were versus the projecto of Joaseiro politics emancipation. However, this journal if it turned a privileged station for the divulgation and circulation of poesies in locality and in south Ceará. The sections what if they related with to incorporation of this literature's form, they were: *Letter* and *Popular Lyre*. We realized, in this research, a reflection, especially of second at to constitute the primer experience of topography in Joaseiro as it accepted the tight of roads direction the a expert topography in production of chapbook in “Joaseiro”: the topography San Francisco (1926).

Resumo

Neste trabalho analisamos as poesias divulgadas no Jornal *O Rebate* (1909-1910), especialmente na seção *Lyra Popular*. No ano de 1909 se criou no *Joazeiro do Cariry*, um veículo de imprensa que objetivava defender os habitantes da localidade contra as imagens negativas divulgadas pelas gazetas diárias cratenses, a saber, esse veículo foi *O Rebate*. O seu próprio nome enunciava seus objetivos de rebater as ideias e ideais que se colocavam contra o projeto de emancipação política de *Joazeiro*. Além disso, esse jornal se tornou um lugar privilegiado para a divulgação e circulação de poesias na localidade e na região do Cariri cearense. As seções verificadas em relação à incorporação dessa forma de literatura foram as seguintes: *Letras* e *Lyra Popular*. Realizamos, outrossim, uma reflexão principalmente da segunda por constituir a primeira experiência tipográfica juazeirense e ter favorecido o aperfeiçoamento dos caminhos rumo a uma tipografia especializada na produção da literatura de folheto, ou seja, a Tipografia São Francisco (1926).

Entradas para indexação

KEYWORDS: Discourse. Poetry. *Lyra Popular*. *O Rebate* (newspaper).

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Poesias. *Lyra Popular*. *O Rebate* (jornal).

Texto integral

Introdução

Neste artigo pretendemos refletir sobre as poesias divulgadas na seção *Lyra Popular* do Jornal *O Rebate* (1909-1910). Ao analisar essa seção procuramos refletir sobre as seguintes questões: Quais os temas abordados pelos poetas nas poesias? Quando se passou a incluir imagens que ilustravam a literatura nessa seção? Que relação existia entre as poesias divulgadas em *O Rebate*, a história de *Joazeiro* e da região do Cariri?

Antes de enveredarmos pela análise das poesias dessa seção, procurando compreender as inquietações acima citadas, buscamos de uma forma sucinta dissertar sobre a relação existente entre História e Literatura. Como, então, situamos essa discussão no conhecimento histórico? Quais as nossas escolhas metodológicas no contato com a produção literária e, particularmente, com a poesia publicada no Jornal?

Realçamos que a concepção de documentação aqui assumida não quer dizer a soberania e primazia da fonte escrita no modelo do século XIX, ou seja, como documento único e utilizado para construir o conhecimento histórico considerado verdadeiro. Contudo, estamos utilizando a ideia renovada de documentação, que

começou a ser modificada na historiografia a partir dos anos de 1929 com a *École des Annales*. Para Reis, “os Annales foram engenhosos para inventar, reinventar ou reciclar fontes históricas. Eles usavam escritos de todos os tipos: psicológicos, orais, estatísticos, plásticos, musicais, literários, poéticos, religiosos” (2000, p.23).

Essa escola, dentre outras contribuições para a produção do conhecimento histórico, ampliou o conceito de fonte e as múltiplas possibilidades de analisá-la pelo historiador. Marc Bloch (2001), um dos fundadores dos Annales, ao defender uma história-problema, promoveu, juntamente com os seus companheiros, a ampliação das fontes para o trabalho de pesquisa dessa disciplina. Para ele, o historiador ao produzir o conhecimento histórico era impulsionado a buscar as documentações ou testemunhos históricos. Elas, por sua vez, tornavam-se “infinitas”, ou seja, “tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p.79).

Dessa maneira, propõe o procedimento metódico de problematizar e formular questões para se construir esse saber. Segundo Bloch (2001), fazia-se necessário para a prática de seu ofício entrar em relação com as outras ciências em prol de encontrar instrumentos e técnicas que ajudassem no *métier* do historiador, ou seja, primava pelo caráter interdisciplinar na pesquisa histórica. Essa atitude diferia da postura dos historiadores metódicos ou “positivistas” que tinham a fonte como prova da verdade e possuíam, também, a função profissional de “descobrir” os fatos. Isso se realizava através da leitura e verificação da veracidade da documentação, sem, contudo, questioná-la.

Segundo Bloch (2001), ao problematizarmos com a finalidade de buscar construir respostas a determinadas questões, teríamos que utilizar uma variedade imensa de documentos e, por isso, propõe a necessidade do historiador entrar em contato com as outras linguagens científicas e seus métodos. Pois quando se fizesse necessário se debruçar em uma dada documentação que não fazia parte da área da História e sim de outras ciências, possuidoras de práticas metodológicas específicas, ele conseguiria meios e recursos para realizar a sua pesquisa. Por exemplo, um documento eclesiástico produzido na Idade Média, possuidor de uma linguagem própria, tanto em relação ao idioma utilizado para a sua escrita, o Latim, como também a forma estética e semântica. Para analisá-lo se sentiria a necessidade de ferramentas e aportes teóricos do conhecimento linguístico e literário, tendo em vista os propósitos de compreender quais as particularidades do documento e procurar indícios que venham favorecer a formulação de um ponto de vista sobre as questões feitas pelo pesquisador.

Fazia-se imprescindível, para esse historiador, aprender as técnicas, abordagens e conceitos dos linguistas, que trabalham com esse período histórico, e dos filólogos para melhor manejar o documento, questioná-lo e problematizá-lo em prol da realização de sua pesquisa. Dessa forma, quando a História se abriu para a interdisciplinaridade, novos campos, abordagens e objetos emergiram para o historiador, dentre eles temos a literatura como uma das possibilidades de fonte e objeto para o saber histórico.

O drama do encontro e das trocas entre História e Literatura veio, primeiramente, de suas especificidades enquanto produtoras de certos

conhecimentos. A Literatura, entendida como produtora de ficção e possuidora de *topos* de linguagens, permitiria aos seus produtores/escritores uma determinada liberdade criadora. Por outro lado, o profissional da História em sua narrativa se prenderia a uma documentação, a abordagens e procedimentos teórico-metodológicos dentro da própria área do conhecimento em busca de construir um saber verossímil do objeto trabalhado. Dessa forma, o historiador estaria preso, em sua tessitura narrativa, ao esforço de produção de um saber mediado por métodos, teorias e a busca de uma dada “verossimilhança”.

Para Albuquerque Júnior (2007), a diferença desses campos do saber poderia ser expressa através da relação de gênero e isso, também, os caracterizaria. Para ele, a História representaria o masculino, enquanto a Literatura o feminino. Por isso, essas disciplinas conseguiriam se amar e entrar em relação, por exemplo, a Literatura poderia ajudar a História a podar-se, a melhorar o seu estilo de escrita, amenizar sua aspereza e, assim, tornando-a mais prazerosa em seu estilo textual para os seus consumidores. Conforme ele,

A história seria discurso que fala em nome da razão, da consciência, do poder, do domínio e da conquista. A literatura estaria mais identificada com as paixões, com as sensibilidades, com a dimensão poética e subjetiva da existência, com a prevalência do intuitivo, do epifânico. Só com a Literatura ainda se pode chorar. A História masculinamente escavaria os mistérios do mundo exterior, iria para rua ver o que se passa; a literatura ficaria em casa, perscrutando a vida íntima o mundo interior femininamente preocupando-se com a alma (2007, p. 49).

Entendemos, assim, que a literatura nos possibilita compreender uma época a partir do mundo de quem a produziu, não consideramos, todavia, que ela seja reflexo tal e qual do tempo em que foi escrita pelo literato. Mas se insere em um contexto, nas escolhas e fatos da vida de seu produtor, em uma linha de produção e divulgação possuidora de várias finalidades, nas múltiplas expressões do cotidiano, dos desejos, escolhas e concepções dos seus produtores, da sociedade que procurou informar e do meio de divulgação que a distribuiu.

Jornal *O Rebate*, a primeira imprensa de “Joaseiro”

Em 1909 no povoado de *Joaseiro do Cariry* se criou o Jornal *O Rebate*. Esse jornal contava com uma publicação semanal e tinha como redator-chefe o Padre Joaquim de Alencar Peixoto, e como Gerente o senhor Felismino de Alencar Peixoto. As publicações de artigos, nesse órgão, deveriam estar vinculadas ao campo da “religião, sciencia, litteratura” (*O REBATE*, 1909, n.1, ano I, p.01). Em uma matéria produzida na primeira edição do jornal intitulada “Nossa missão”, os seus dirigentes expuseram os desejos, anseios e propósitos para a publicação desse veículo de imprensa, ou seja,

Levar luz e calor à consciência do povo, adelgaçar as cerrações do espírito humano, cantar como uma musa todas as glórias, sentir como um coração todas as misérias, compreender como um gênio todas as harmonias da natureza, todos os ais que a humanidade geme em seus luctuosos momentos, eis a missão da imprensa. Menos complexa, que a da imprensa, é a missão do jornal. Assim que, trabalhar pelo ideal das letras, da religião, da pátria, e da humanidade, sem se envolver com a politicagem que tudo avilta e rebaixa, eis, em poucas palavras, o programa d'O REBATE, eis a nossa missão. Cumpril-a-emos (O REBATE, 1909, n.1, ano I, p.01).

Essas palavras do colunista foram consideradas como definidoras do chamado pelo jornal de sua “missão”. Percebemos, nesse meio de comunicação impresso, traços de uma influência intelectual permeada por um contexto histórico nacional e internacional concernente a primeira década do século XX. Nesses primeiros anos da República no Brasil se estava vivenciando alguns dramas políticos, sociais e econômicos. Em primeiro plano, realçamos a instabilidade política que se implantou no início da República, a criação de um pacto entre os coronéis em vista da sucessão presidencial, particularmente em Minas Gerais e São Paulo, e denominado, por essa elite latifundiária, de “política do café com leite”. Segundo Resende,

Coronéis e oligarcas marcam o sistema político predominante na República até 1930. Embora denominado pelos autores ora como sistema político oligárquico, ora sistema político coronelístico, configurações que revelam uma certa discrepância interpretativa, o mais importante é constatar que o sistema político prevalecente na República oligárquica inviabiliza avanços significativos no processo de construção da cidadania no período compreendido entre 1889 e 1930 (2003, p.119).

Em segundo lugar, o abandono da população pobre e negra do Brasil depois da abolição da escravatura em 13 de maio de 1888. Conforme Costa (2008), essas pessoas foram “abandonadas a sua própria sorte” e “a abolição não correspondeu nem aos receios dos escravistas, nem às expectativas dos abolicionistas. Não foi catástrofe nem redenção” (2008, p.131).

Paralelo a isso, as consequências das estiagens de 1877-1879, 1880 e 1889, o cangaço que se constituiu como um grupo organizado, tendo como um dos seus principais líderes Antonio Silvino (1896 a 1914), as missões de Padre Ibiapina e dos capuchinhos que povoaram o imaginário popular na região do Cariri cearense e sertão brasileiro, a (re) orientação das práticas de piedade popular para Juazeiro e Padre Cícero a partir do “suposto milagre de Joazeiro” (1889), o descaso político com os pobres e sem terra no norte do país, o clima de tensão popular vivenciado

nesse período de transição de regime e a invenção de uma nova roupagem política para a nação.

Esse era um pouco do teatro político, social e econômico que vivenciava o país naquela época. Apesar disso, na região do Cariri cearense o povoado de “Joaseiro”, segundo Araujo (2005), tinha chegado a um crescimento econômico que sinalizava o seu lugar de destaque dentro da contribuição de impostos em relação às demais cidades do sul do Ceará. O Jornal *O Rebate*, para essa pesquisadora, veio incrementar e afirmar o progresso do lugarejo, seu “ideário de prosperidade” e “propagar o ideal de desenvolvimento” que era proveniente das ideias de Padre Cícero, principal motivador e apoiador do jornal.

Para demonstrar o prestígio desse sacerdote nessa imprensa, verificamos em sua primeira edição uma foto do sacerdote estampada na capa do jornal, ela representava uma teia de sentidos para seus leitores, um poder simbólico resultante da imagem do “Padim Cíço” na política e economia da região. Essa imagem foi utilizada pelos redatores do jornal para reforçar a importância desse veículo no “Joaseiro” e que o principal líder da localidade apoiava a causa. Para Araujo, “as notas de abertura das edições do Jornal “O Rebate” difundiam o ideário de progresso, modernização e prosperidade do Padre Cícero e seus aliados” (2005, p.81).

Nesse sentido, ao demonstrar o progresso da localidade Felismino Peixoto de Alencar em uma matéria sobre “A imprensa” afirmou o valor da fundação do jornal “O Rebate” para o povoado de “Joaseiro”, pois o “jornal é o livro do povo” e, assim, “feliz o povo do Joaseiro, por isso que, ainda há pouco nada possuindo, agora possuindo a imprensa-, possui tudo” (O REBATE, 1909, n.1, ano I, p.02).

A seção *Lyra Popular* no Jornal *O Rebate*

O Jornal *O Rebate* foi criado para rebater as injúrias divulgadas pela imprensa cratense sobre o “Joaseiro”, como também divulgar e fortalecer a produção letrada da localidade. Para Melo, “a criação de O Rebate em 1909 teve uma importância fundamental enquanto suporte que possibilitou a circulação da poesia em verso, transmitida igualmente pela oralidade e pelos folhetos de cordel” (2003, p.37).

Foi fundamental, outrossim, para a realização na localidade da primeira experiência tipográfica, em que os seus cordelistas e intelectuais puderam publicar suas poesias e matérias sem depender da imprensa e dos meios de divulgação literária da cidade do Crato. Além disso, fazia-se urgente para os moradores de “Joaseiro” um meio de comunicação que pudesse defendê-los contra as falácias propagadas pelos cratenses em seus jornais, por exemplo, no Jornal *Correio do Cariri*. Segundo Melo,

A tipografia de O Rebate permitiu o registro impresso de uma produção literária que foi sendo lentamente construída, revelando

as injunções entre as temáticas presentes na tradição poética dos folhetos, através dos poemas de Leandro Gomes de Barros e Cordeiro Manso, com o repertório produzido a partir dos temas que ganharam relevância no povoado, sem perder de vista que, mesmo com a circulação do jornal, a oralidade ainda manteve sua importância como veículo privilegiado na transmissão dos costumes e valores do lugar. *O espaço para a produção poética também estava presente na coluna intitulada Lyra Popular, na qual eram publicados versos dos poetas mais conhecidos da literatura de folhetos* (2003, p. 39, grifos nossos).



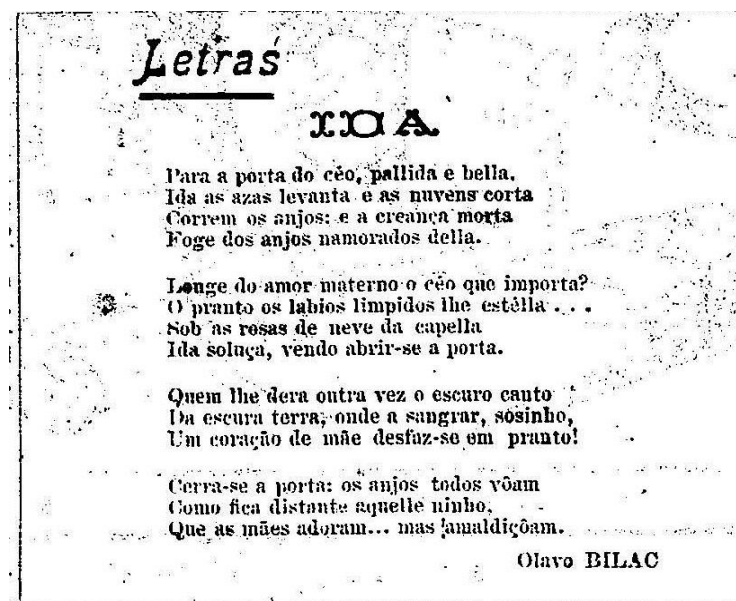
Esse veículo de imprensa se tornou uma fonte importante para a pesquisa na história da Literatura de Cordel em “Joaseiro”, pois nela se divulgaram e publicaram poesias de autores desconhecidos e daqueles possuidores de um reconhecimento na produção de folhetos. Para a historiadora Melo (2003), a importância de *O Rebate* para “Joaseiro” foi ter promovido a divulgação da vida literária da localidade, acabou (re) criando-a e tornado-se um lugar privilegiado para a divulgação da poesia.

Verificamos no jornal a existência de dois espaços específicos que foram oficialmente eleitos para a poesia. Eles, contudo, eram detentores de um campo simbólico diferenciado: *a seção de Letras e Lyra Popular*. Para Bourdieu, o campo de produção simbólica “é um microcosmo da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nesta medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção”. (2009, p.12).

Analizamos, primeiramente, a seção *Letras*. Nela percebemos a publicação de poesias de autores possuidores de um *status* dentro da cultura letrada brasileira como, por exemplo, José Bonifacio (*Aspirações*) e D. Pedro de Alcântara (*A Imperatriz*). Essa seção era a guarda e divulgadora das poesias detentoras de um refinamento linguístico e literário, uma de suas características era que as publicações feitas em seu espaço pertenciam a homens detentores de formação intelectual, tais como padres e reconhecidos literatos brasileiros.

Exemplificando isso, temos a publicação da poesia de Olavo Bilac, intitulada “*Ida*”, nela se tem a predominância da ordem indireta, possuidora de uma sonoridade rítmica, marcante e a utilização por parte do escritor de metáforas que simbolizavam sentimentos e ações com uma roupagem romântica. Possui, também, uma estrutura de Soneto (4,4,3,3) e disposição de rimas ABBA, ou seja, interpoladas.

Imagem 1: Foto do Soneto de Olavo Bilac Publicado na seção *Letras* no Jornal *O Rebate*



Fonte: Jornal *O Rebate*, 1909, n. 16, ano I, p.02.

Outra singularidade dessa seção era a afirmação e enaltecimento do seu público alvo, ou seja, para quem ela foi pensada e feita. Por exemplo, as publicações de poesias de caráter nacionalista, católico-cristã e em línguas estrangeiras. Ao ocupar um espaço da seção *Letras* com poesias escritas em idiomas diferentes do vernáculo, consideramos tal fator como indício de que ela se endereçava para um grupo possuidor de uma cultura letrada e conhecedora de uma carga cultural em línguas, ou seja, um público específico que possuía esse *capital simbólico*.

Temos, assim, os seguintes exemplos de poesias publicadas nesse jornal com as características arroladas acima: *Devant Le Tambeau de L'immortel* (Horace Lacome) e *Alla Vergine Santa* (Padre Gioachino d'Alencar). As poesias publicadas pelo Padre Alencar reforçavam também o caráter cristão da seção, tanto naquelas escritas em português, como também em Italiano e Francês. Elas, em sua maioria, possuíam como particularidade o tema dedicado à Virgem Maria, figura fortalecedora dos princípios dogmáticos e teológicos da Igreja Católica Apostólica Romana. Conforme Padre Alencar, "*o Regina celeste, o Madre, o bella, dolce speranza, dolce amor, Maria!*" (O REBATE, 1909, ano I, n. 23, p.02).

A segunda seção em que se destacava a literatura e a divulgação de poesias no jornal era a *Lyra Popular*. O nome dela enunciava o público e os seus produtores, aproximava os temas do cotidiano do lugarejo, os aspectos da história do Cariri cearense e abrangia os múltiplos grupos de leitores do jornal. Portanto, a partir daqui nos debruçaremos em analisar as poesias publicadas nesta seção nos anos de 1909 a 1910.

Para isso, mapeamos o jornal *O Rebate* procurando verificar e analisar as seguintes questões: Quais as poesias publicadas na seção *Lyra Popular*? Quais os

temas abordados nela? Quem eram os seus escritores? Qual a relação dessa seção e a produção de folhetos de cordéis no “Joaseiro”? Quais os vestígios da história do cotidiano do lugarejo que podemos perceber através das narrativas poéticas?

Durante os dois anos aqui analisados, esse jornal teve produção contínua, um número de 69 publicações e a presença de 25 poesias na seção escolhida para essa reflexão. Tal quantidade é expressiva se levarmos em consideração que no final do ano de 1909 começaram a ganhar mais espaço nesse jornal as matérias edificadas em prol da emancipação política do “Joaseiro” da cidade do Crato.

A seção *Lyra Popular* se tornou um *locus* privilegiado para a divulgação da literatura popular. Por isso, nela se publicou poesias que carregavam as escolhas de seus produtores, detentoras de um teor jornalístico, de histórias fantasmagóricas, de uma linguagem própria da localidade, das histórias do cotidiano e de uma tessitura poética transmissora das percepções religiosas, sociais, políticas e econômicas dos poetas. Então, das 25 poesias verificadas detectamos as seguintes temáticas:

Gráfico 1: Temáticas das poesias publicadas na seção *Lyra Popular*

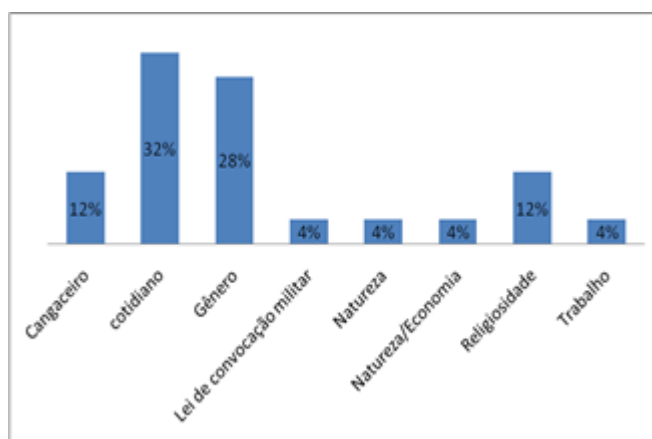


Gráfico construído pelo autor a partir do mapeamento das poesias da Seção *Lyra Popular* no Jornal *O Rebate* (1909-1910).

A partir dos dados contidos no Gráfico 1 se verifica uma pluralidade temática que vai desde as construções imagético-poéticas, de memórias e informações jornalísticas sobre o cangaço no Cariri cearense e do Nordeste brasileiro até as questões relativas ao trabalho e sua valorização. Portanto, os temas abordados possuíam fios de ligação entre si, todavia para melhor visualizá-los os classificamos dessa forma: cangaço (12%); cotidiano (32%); gênero (28%); militar (4%); natureza (4%), natureza/economia (4%); religiosidade (12%) e trabalho (4%).

O cangaço e a religiosidade apresentaram a mesma porcentagem de poesias (12%). Nelas o cangaço foi trabalhado em sua dimensão imagética, mítica e fantasmagórica. Como também, através de uma exposição de relatos jornalísticos

sobre as ações e vida desses homens e mulheres presentes no sertão nordestino em fins do século XIX e início XX, especialmente, no Cariri cearense. Para Freixinho,

36

A historiografia e a literatura de cordel registram inúmeros casos e episódios em que foram trucidadas famílias inteiras de “coiteiros” pelos “macacos”. Cria-se, então, o clima de vingança prometida ante os corpos dilacerados pela fúria dos “volantes”. Os filhos, então menores, testemunhas do assassinato frio de familiares, aliam-se, desde cedo, a bandos de cangaceiros; muitos deles, na fase adulta, tornam-se chefes do cangaço nas três últimas décadas do século XIX e no início do século XX, na saga do terrorismo de clã (2003, p. 56).

Na seção *Lyra Popular* os escritores que se destacaram, nessa temática, foram a poetiza Jacy e o poeta Leandro Gomes de Barros. A primeira assumiu a função jornalística, por outro lado o segundo teceu poesias enfatizando o encontro entre o real e o imaginário, o mito e as percepções cotidianas da ação dos cangaceiros no Cariri cearense. Para Jacy, o cangaço era um “mal” para região do Cariri e pedia aos céus que esse mal fosse exterminando. Segundo ela,

Do Cariry, os males
E desgraças que vemos,
Assassinatos, roubos
Tudo a elle devemos

Que, de castigos, desçam
Dos céus, um formigueiro
Sobre esse mal horrível
- chamado Cangaceiro

É esse o mal terrível
Que assola o Cariry
Um mal assim tão grande,
Tão grande inda não vi!
(O REBATE, 1909, ano I, n. 8, p.03).

Nas poesias do poeta Leandro Gomes de Barros esse tema foi construído a partir de imagens, histórias e de formas poéticas que primavam pelo ritmo e pelas metáforas, expressavam a vida do cangaceiro Antonio Silvino, considerado o mais temido da região caririense. Dessa forma, as poesias construídas, por ele, narraram

os dilemas dessa personagem procurando aliar ao escutado pela tradição oral, as informações divulgadas pelos jornais e os mitos que envolveram a figura desse cangaceiro. Nesse processo de mitificação da personagem no enredo tecido pelo poeta se colocaram em pauta as características do homem “macho” do sertão brasileiro. Essa bravura, segundo Barros, não intimidava apenas os senhores de terra, políticos e pessoas que moravam nas cidades caririenses, mas também o “diabo”. Conforme ele,

O diabo conheceu
Que não supporta repacho
Brigar com Antonio Silvino
Não é brinquedo num luxo
Fugiu e levou de Silvino
Dous cangaceiros no buxo

No outro dia o diabo
Escreveu a Antonio Silvino
Dizendo o senhor desculpe
O que lhe fez meu menino
Que eu mandei elle no mundo
E foi la fazer dezatino

(O REBATE, 1909, ano.I, n. 20, p.03).

Essa temática do cangaço tinha ligações com a religiosidade popular da região sul cearense (12%). Destacaram-se, assim, nessas poesias os seguintes assuntos: a figura de Padre Cícero, as músicas cantadas nas Igrejas e as Orações dos Santos, por exemplo, São Benedito. Nos temas possuidores de 4% do montante das poesias contidas nesse jornal (Trabalho; natureza; natureza-economia; militar) os poetas colocaram com expressividade o sentido do trabalho. Para eles, ele “é vida”. Dessa maneira, reforçavam a importância para os caririenses enfatizando que o “trabalho é vigor; delle brota a virtude; brota a paz, o amor” (O REBATE, 1909, ano I, n. 5, p.03).

A natureza do Cariri cearense, igualmente, era enaltecida nas poesias, destacando-se a beleza do Vale do Cariri e denunciando as ações que devastavam, desmatavam e destruíam a Serra do Araripe. Segundo Jacy, “homens sem alma, perversos; a’novos crimes se dão; movem elles, d’Araripe; na Serra, a devastação!” (O REBATE, 1909, ano I, n. 16, p.03).

Ao se colocar em relação natureza e economia, os poetas dessa seção mencionaram a crise agrícola promovida pela seca, o impacto disso na natureza, na vida do campo e da cidade, dos agricultores caririenses e a situação da região do

Cariri nesse cenário. Para Barros, “porque está se vendo; tudo como é; assucar e café; está tudo descendo; lavoura morrendo; não há algodão; de sol do sertão; a crise é tamanha; que o pobre não ganha; sequer um tostão” (O REBATE, 1910, ano I, n. 39, p.03). Atrelado a isso, uma discussão sobre a obrigatoriedade do serviço militar no Brasil e as consequências para as famílias nordestinas que precisavam da mão de obra de seus filhos. Para Barros, “Alerta! rapasiadas!; O tempo não está de graça; Moço, velho, cego e cocho; tudo agora assenta praça; Bispo, e vigário collado; vai tudo ao pão de fumaça” (O REBATE, 1909, ano I, n. 21, p.03) e apenas um sujeito era dispensado, ou seja, “só fica quem for doutor, o mais tudo é confiscado” (Idem).

As últimas temáticas verificadas e analisadas foram as poesias que expressavam o cotidiano (32%) dos poetas e suas percepções sobre a vida. E juntamente a isso, uma quantidade expressiva de matérias que identificamos dentro da discussão de gênero (28%). No primeiro tema os assuntos eram sobre o exercício do cancionero em sua prática de serenata e essa atividade como uma forma de demonstrar à amada o seu amor, como também a pobreza e as piadas sobre o vigário. O segundo tratou sobre o gênero, especificamente as relações entre homens e mulheres no casamento e namoro. Nessa parte, enfatizamos a poesia jornalística feita por Jacy que denunciava o estupro e assassinato de uma menina na cidade do Crato. Para essa poetiza, “um crime, tão monstruoso; que provoca indignação; deu-se agora lá no Crato; - Será fructo da missão?; Onze moços de família; D’aquella sociedade; revelaram-se, que monstros!; uns monstros d’iniquidade!” (O REBATE, 1909, ano I, n. X, p.03).

Esse acontecimento foi notícia n’*O Rebate*. Destacamos, contudo, as especificidades desse veículo como órgão de defesa do “Joaseiro” contra as “injúrias” ditas pela imprensa cratense. Portanto, o estupro dessa moça em Crato serviu como sinais para a imprensa juazeirense criticar as imagens de fanáticos e ignorantes que os cratenses estavam divulgando sobre a “terra do Padre Cícero”. Dessa forma, a questão colocada pelo jornal aos cratenses era a seguinte: “Será [esse] o antigo e nobre Crato, de quem a história narra tantas grandesas e tantas glorias?” (O REBATE, 1909, ano I, n.11, p.01).

Nessas matérias se fiaram discursos que denunciavam o descaso com o caso do estupro da moça e reforçavam que esse ato, para os colunistas da seção *Joaseiro do Cariry*, era “horrendo”. Mostravam, igualmente, para eles, o “desvirtuamento” e “monstruosa” corrupção moral dos rapazes cratenses que possuíam um prestígio social, econômico e uma cultura letrada. Esse fato, também, fora narrado e comentado por alguns dos intelectuais juazeirenses na seção *Joaseiro do Cariry*. As matérias publicadas pelos colunistas juazeirenses sobre esse acontecimento se constituíram enquanto editoriais de cobrança. Nelas edificaram, com um teor de luta, teses mostrando o caso a fim de levar as autoridades cratenses a tomarem uma atitude de repressão e punição dos jovens “criminosos”.

Esse “crime” aconteceu logo após as Santas Missões realizadas na cidade do Crato pelo Padre Tabosa e frei Marcellino. Para alguns veículos de imprensa cratenses esse fato “não passa d’uma simulação” (O REBATE, 1909, ano I, n. 11, p.01). Por isso, os colunistas d’*O Rebate* procuraram em seus editoriais afirmar esse acontecimento e cobrar providências das autoridades competentes cratenses.

Os colonistas, outrossim, mencionaram que esse evento não era o primeiro, mas o mais recente, e, por isso, procuravam lutar pela punição dos responsáveis e a edificação dessa vitória seria exemplar.



Portanto, a punição serviria como uma forma de educar os caririenses contra esse tipo de crime; ou seja, ao mostrar as consequências do ato, almejavam prevenir futuros acontecimentos como esse através do terror do exemplo. Conforme essas matérias publicadas no Jornal *O Rebate*, corroborar com essa empreitada era empreender um embate em prol da “moral e honra das famílias” da região do Cariri e Crato. Ressaltaram, também, ironicamente que as autoridades do Crato talvez tivessem esquecido o “novíssimo Código Penal dos Estados Unidos do Brasil” (O REBATE, 1909, ano I, n.12, p.01).

Nessa mesma matéria, intitulada de “Monstruosidade!”, o colonista Antonio Fatal apresentou e deixou expressa sua posição enquanto “romeiro”. Citou, igualmente, os artigos da lei que puniam essa violência praticada contra essa moça, a saber, o artigo 266 (Para atentados contra o pudor), 267 (Para o defloramento de mulheres de menor idade), 268 (Para o estupro de mulheres virgens) e 269 (“Chama-se estupro o acto pelo qual o homem abusa com violência de uma mulher, seja virgem, ou não” (Idem)). Para o colonista da matéria “A última Palavra”, a moça “Anna Maria da Conceição”, agredida pelos rapazes cratenses, era desprotegida e

Victima da brutalidade a mais bestial e da bestialidade a mais brutal de quinze à vinte moços de família, da sociedade cratense, Anna Maria da Conceição, menor e orphã de pae e mãe, escapou às garras à escalfurnia parca, graças aos recursos médicos e aos carinhos e desvellos de mãe que lhe prodigarisara a caridade suprema de exm^a. sr^a. d. Maria Affonso de Carvalho. [...] É que a vacuidade de sentimentos e de ideas de honra e pundonor que bem que daguerreotypa a physionomia moral d’esses moços sacripantas, justapõe-se perfeitamente a vacuidade dos mesmos sentimentos de seus protectores: vale o patronato o que valer seus protegidos. Não tem outra explicação, por quanto, a maneira porque se condusem, que se tem conduzido, as auctoridades do Crato (O REBATE, 1910, ano I, n. 21, p.01).

Esses foram alguns vestígios da história do cotidiano, vida social e cultural do “Joaseiro” e da região sul cearense que obtivemos com o mapeamento, análise quantitativa e qualitativa das poesias pertencente à seção *Lyra Popular*. Outra questão proposta a ser analisada, nesse artigo, foi anunciar os autores que produziram as poesias e a porcentagem de sua produção. Para isso, ilustramos no Gráfico 2 esses dados buscando uma melhor visualização. Nele percebemos que o maior espaço da seção estava, entre 1909 e 1910, nas mãos de Jacy e Leandro Gomes de Barros¹.

Gráfico 2: Autores que publicaram suas poesias na seção *Lyra Popular*

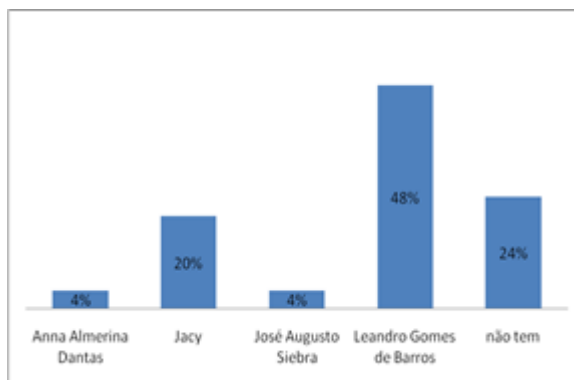


Gráfico construído pelo autor a partir do mapeamento das poesias da Seção *Lyra Popular* contida no Jornal *O Rebate* (1909-1910)

A última questão colocada fora em relação à importância dessa seção para o andamento e consolidação dos folhetos de cordéis em “Joaseiro”. Para Melo, na seção *Lyra Popular* se realizou a primeira experiência no “emprego da xilogravura como técnica na ilustração dos artigos e poesias veiculadas pelo jornal” (2003, p.36). Essa experiência promoveu um aperfeiçoamento das técnicas e a construção de “uma tradição que se incorporou posteriormente aos folhetos, orações e almanaques editados pela Tipografia São Francisco e demais tipografias do gênero” (Idem).

Verificamos, nessa seção, transformações estéticas, aumento do espaço ocupado por ela e modificações na escrita das poesias. Por exemplo, a partir da publicação do dia 28 de novembro de 1909 percebemos que as poesias tomaram corpo, ou seja, passavam a se assemelhar com a estética atual da literatura de cordel e aumentaram o seu espaço no jornal. A seção *Lyra Popular* a partir de 6 de março de 1910 melhorou a escrita da literatura, procurou aumentar as letras, primando por uma visualidade mais artística e fugindo o padrão do utilizado pelo jornal. Além disso, começaram a ser incorporadas, nessa seção, imagens de xilogravuras que passaram a expressar cenas representativas das poesias publicadas.

Imagem 2: Foto da seção *Lyra Popular* e o emprego da xilogravura





Considerações finais

Analizamos, neste artigo, a seção *Lyra Popular* do Jornal *O Rebate* (1909-1910), procurando perceber quais os temas das poesias publicadas em seu espaço, os autores que as produziram e as contribuições provindas para a Literatura de Cordel do Cariri cearense a partir das experiências feitas no referido jornal. A princípio, procuramos dar um norte na discussão existente entre História e Literatura, as tensões entre essas disciplinas enquanto campos específicos do conhecimento e sua incorporação como objeto de estudo para a História a partir das renovações promovidas pela *École des Annales* (1929) no campo da historiografia. Ao situar o campo de pesquisa, empreendemos, logo em seguida, reflexões pertinentes ao jornal, a sua fundação e ao contexto histórico que influenciou os anos de 1909 a 1910.

A seção *Lyra Popular* foi um importante espaço, nesse veículo de imprensa juazeirense, para divulgar as poesias de alguns poetas “populares” de “Joaseiro” e o espaço da realização das primeiras experiências que iriam fundamentar a criação de uma futura tipografia na cidade. Isso, também, simbolizou o conagraamento dos intelectuais e poetas em torno d’*O Rebate*, especialmente pela direção de Padre Joaquim Alencar Peixoto e Felismino P. de Alencar. Eles procuraram abranger os vários grupos em “Joaseiro”, desde classes que ouviam os cancioneiros, poetas e repentistas, sintetizada na seção *Lyra Popular*, até as poesias consideradas detentoras de estilo literário erudito e fabricadas para uma classe requintada, seção *Letras*. Esse grupo mais favorecido era possuidor de um capital cultural/simbólico que proporcionava a publicação de poesias em Francês e Italiano. Isso demarcou fronteiras simbólicas nesse jornal, mesmo levando em consideração que o seu propósito era “unir” os moradores do lugar em prol da emancipação política de “Joaseiro”.

Nas poesias analisadas os elos entre a história, a vida cotidiana e o imaginário eram mediados pela produção poética dos poetas. Cada verso demonstrava as posições sociais, econômicas e culturais de seus produtores, fortalecia uma forma específica de escrita da poesia popular e linguagens visuais de exposição dessa literatura. Essa foi assumida e filtrada da tradição oral que no início do século XX ainda era muito forte na região do Cariri cearense, como também em “Joaseiro”.

Os temas tratados nas poesias eram os que estavam em alta no momento, neles percebemos fios e vestígios da história do cotidiano do lugar e atitudes jornalísticas que procuravam relatar os acontecimentos imediatos. Esses, contudo, eram em sua maioria envolvidos pelo cenário e inspirações míticas, metafóricas e se destacaram como personagens os santos católicos e cangaceiros.

Enfim, a seção *Lyra Popular* foi um laboratório para o treinamento e construção de especialistas na produção de impressos e de xilogravuras atreladas à literatura de folhetos. Isso promoveu nos anos posteriores a edificação de uma tipografia na localidade que se destacaria enquanto lugar privilegiado na produção de folhetos de cordéis no Cariri cearense e no Nordeste brasileiro, a saber, a Tipografia São Francisco (1926).

Notas

1 Leandro Gomes de Barros nasceu em 1865 em Recife e morreu em 1918. Ele é considerado um importante poeta da literatura popular e pertenceu ao grupo dos poetas pioneiros (1900-1930), foram os poetas dessa geração que definiram as regras e temáticas que iriam dar as especificidades da literatura popular em relação às demais. Para isso, defenderam o uso da oralidade e memorização como principal instrumento de divulgar essa literatura para os analfabetos e alfabetizados do interior do país.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nos destinos de fronteiras: História espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

_____. *História: A arte de inventar o passado*. São Paulo: EDUSC, 2007.

_____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 3ª Ed. Recife: FJN, 2006.

ARAUJO, Maria de Lourdes de. *A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. (Tese de doutorado)

ARRUDA, João. *Canudos: messianismo e conflito social*. Fortaleza: editora UFC, 2006.

BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. _____. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

_____. *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

COSTA, Emilia Viotti da. *A abolição*. São Paulo: editora UNESP, 2008.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre de Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FALCI, Miridan Knox. *Mulheres do sertão nordestino*. In: Mary Del Priore (org). História das mulheres no Brasil. 8ª ed. São Paulo: Contexto. 2006, p. 241-277.

FARIA GRILLO, Maria Ângela de. A literatura de cordel na sala de aula. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). *Ensino de História-conceito, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003, p.116-126.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FREIXINHO, Nilton. *O sertão do Nordeste do Brasil: Uma releitura*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GOMES, Assis Daniel. As construções de sentidos e imagens de um urbano pelos poetas juazeirenses em 1987. *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*. v.3, n.6, p.190-201, dez 2011.

LIMA, Marinalva Vilar de. O problema do popular e do erudito na literatura de folhetos brasileira. *Revista art cultural*. Uberlandia, v.11, n.18, p.177-194, jan-jun 2009.

MELO, Rosilene Alves de. *A literatura de folhetos e a saga da e(ru)dição popular*. In: LIMA, Marinalva Vilar; MARQUES, Roberto (org.) Estudos Regionais: Limites e possibilidades. Crato: NERE/CERES. Ed, 2004, p.147-155.

_____. *Arcanos do Verso: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926-1982*. Fortaleza: UFC, 2003. (Dissertação)

OLIVEIRA, Amália Xavier de. *O Padre Cícero que eu conheci*. Fortaleza, Ceará: Premius, 2001.

REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org). *O Brasil Republicano: O tempo do liberalismo excludente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.89-120.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na História e Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Para citar este artigo

GOMES, Assis Daniel. História e Literatura: a seção “Lyra Popular” no jornal “Rebate” de “Joazeiro” (1909-1910). Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 2, n. 3, p. 27-44, dez. 2013.

O Autor



Assis Daniel Gomes é especialista em História Contemporânea pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN) e graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA).